

Em 1942, com a idade de dez anos, ganhei o primeiro prémio nos Ludi Juveniles (um concurso de livre e voluntária participação obrigatória para jovens fascistas italianos — o que equivale a dizer, para todos os jovens italianos). Eu elucubrara com virtuosismo retórico sobre o tema: “Devemos nós morrer pela glória de Mussolini e pelo destino imortal da Itália?” A minha resposta fora afirmativa. Era um rapaz esperto.

Depois, em 1943, descobri o significado da palavra “liberdade”. Irei contar esta história no fim do meu discurso. Nesse momento “liberdade” não significava ainda “libertação”.

Passei dois dos meus primeiros anos no meio de SS, fascistas e *partisans*, que se corriam a tiro uns aos outros, e aprendi a evitar as balas. Não foi mau como exercício.

Em abril de 1945, os *partisans* tomaram Milão. Dois dias depois chegaram à pequena cidade onde eu vivia. Foi um momento de alegria. A praça principal estava apinhada de gente que cantava e agitava bandeiras, invocando em voz alta Mimo, o chefe *partisan* da zona. Mimo, ex-sargento dos Carabinieri, juntara-se aos badoglianos e perdera uma perna num dos primeiros confrontos. Mostrou-se à

varanda do município, apoiado nas suas muletas, pálido; com a mão tentou acalmar a multidão. Eu estava ali à espera do seu discurso, visto que toda a minha infância havia sido marcada pelos grandes discursos históricos de Mussolini, dos quais na escola aprendíamos de cor as passagens mais significativas. Mimo falou com voz rouca, quase não se ouvia. Disse: “Cidadãos, amigos. Depois de tantos e tão dolorosos sacrifícios... aqui estamos. Glória aos mortos pela liberdade.” Acabou. E voltou para dentro. A multidão gritava, os *partisans* ergueram as suas armas e dispararam festivamente para o ar. Nós, rapazes, precipitámo-nos a apanhar os cartuchos, preciosos objetos de coleção, mas eu também tinha aprendido que a liberdade de palavra significa liberdade da retórica.

Poucos dias depois vi os primeiros soldados americanos. Eram afro-americanos. O primeiro ianque que encontrei era um negro, Joseph, que me deu a conhecer as maravilhas de Dick Tracy e de Li'l Abner. Os seus quadradinhos eram a cores e cheiravam bem.

Um dos oficiais (o major ou capitão Muddy) estava instalado na vivenda da família de duas minhas colegas de escola. Eu sentia-me em casa naquele jardim onde algumas senhoras faziam roda em volta do capitão Muddy, falando algo próximo do francês. O capitão Muddy tinha uma boa educação superior e sabia um pouco de francês. Assim, a minha primeira imagem dos libertadores americanos, ao cabo de tantos rostos pálidos de camisa negra, foi a de um negro culto de farda verde-amarela que dizia: “*Oui, merci beaucoup Madame, moi aussi j'aime le champagne...*” Infelizmente faltava o champanhe, mas do capitão Muddy recebi a minha primeira pastilha elástica e comecei a mastigar todo o dia. À noite metia a pastilha num copo de água, para a ter fresca no dia seguinte.

Em maio, ouvimos dizer que a guerra acabara. A paz deu-me uma sensação curiosa. Tinham-me ensinado que a guerra permanente era a condição normal para um jovem italiano. Nos meses seguintes descobri que a Resistência não era só um fenómeno local, mas europeu. Aprendi palavras novas e excitantes como “*reseau*”, “*maquis*”, “*armée secrète*”, “*Rote Kapelle*”, “gueto de Varsóvia”. Vi as primeiras fotografias do Holocausto, e compreendi assim o seu significado antes de conhecer a palavra. Percebi de que é que tínhamos sido libertados.

Em Itália há hoje quem se pergunte se a Resistência teve algum impacto militar real no decorrer da guerra. Para a minha geração, a questão é irrelevante: compreendemos imediatamente o significado moral e psicológico da Resistência. Era motivo de orgulho saber que nós, europeus, não tínhamos aguardado a libertação passivamente. Penso que também para os jovens americanos que pagavam o seu tributo de sangue pela nossa liberdade não era irrelevante saber que por detrás das linhas havia europeus que estavam já a pagar a sua dívida.

Em Itália há hoje quem diga que o mito da Resistência era uma mentira comunista. É verdade que os comunistas exploraram a Resistência como uma propriedade pessoal, dado que nela tiveram um papel primordial; mas eu lembro-me de *partisans* com lenços de diferentes cores.

Agarrado à telefonia, passava as minhas noites — de janelas fechadas, e com a escuridão geral que fazia do pequeno espaço à volta do aparelho a única auréola luminosa — ouvindo as mensagens que a Rádio Londres transmitia aos *partisans*. Eram ao mesmo tempo obscuras e poéticas (“O Sol nasce sempre”, “As rosas florirão”), e a maior parte eram “mensagens para a Franchi”. Alguém me disse em segredo que Franchi era o chefe de um dos grupos clandes-

tinios mais fortes do Norte da Itália, um homem de coragem lendária. Franchi tornou-se o meu herói. Franchi (cujo verdadeiro nome era Edgardo Sogno) era monárquico, tão anticomunista que depois da guerra aderiu a grupos de extrema-direita e acabou até por ser acusado de ter colaborado num golpe de estado reacionário. Mas que importa? Sogno permanece ainda o sonho da minha infância. A libertação foi um empreendimento comum para gente de diferentes cores.

Em Itália há hoje quem diga que a guerra de libertação foi um trágico período de divisão, e que precisamos agora de uma reconciliação nacional. A lembrança desses anos terríveis deveria ser reprimida. Mas a repressão provoca neuroses. Se reconciliação significa compaixão e respeito por todos os que combateram a sua guerra de boa-fé, perdoar não significa esquecer. Posso até admitir que Eichmann acreditaria sinceramente na sua missão, mas não me sinto capaz de dizer: “OK, volta e faz o mesmo.” Nós estamos aqui para recordar o que aconteceu e para declarar solenemente que “eles” nunca mais devem fazer o mesmo.

Mas quem são “eles”?

Se pensarmos ainda nos governos totalitários que dominaram a Europa antes da Segunda Guerra Mundial, podemos dizer com a maior tranquilidade que seria difícil vê-los retornar sob a mesma forma em circunstâncias históricas diferentes. Se o fascismo de Mussolini assentava na ideia de um chefe carismático, no corporativismo, na utopia do “destino fatal de Roma”, numa vontade imperialista de conquistar novas terras, num nacionalismo exacerbado, no ideal de toda uma nação arregimentada de camisa negra, na rejeição da democracia parlamentar, no antissemitismo, então não tenho dificuldades em admitir que a Alleanza Nazionale, nascida a partir do MSI, é certamente um partido de direita,

mas tem pouco que ver com o velho fascismo. Pelas mesmas razões, embora me preocupem os vários movimentos pró-nazis ativos aqui e ali na Europa, incluindo a Rússia, não penso que o nazismo, na sua forma original, esteja em vias de reaparecer como movimento que envolva uma nação inteira.

Todavia, embora os regimes políticos possam ser derrubados e as ideologias criticadas e ilegítimas, por trás de um regime e da sua ideologia há sempre um modo de pensar e de sentir, uma série de hábitos culturais, uma nebulosa de instintos obscuros e de insondáveis pulsões. Haverá ainda, portanto, outro espectro que paira sobre a Europa (para não falar de outras partes do mundo)?

Ionesco disse uma vez que “só as palavras é que contam e o resto é conversa”. Os hábitos linguísticos são muitas vezes sintomas importantes de sentimentos não expressos.

Deixem-me portanto perguntar por que motivo não só a Resistência mas toda a Segunda Guerra Mundial foram definidas em todo o mundo como uma luta contra o fascismo. Se relerem *Por Quem os Sinos Dobram* de Hemingway, descubrem que Robert Jordan identifica os seus inimigos com os fascistas, mesmo quando pensa nos falangistas espanhóis.

Permitam-me dar a palavra a Franklin Delano Roosevelt: “A vitória do povo americano e dos seus aliados será uma vitória contra o fascismo e contra o beco sem saída do despotismo que ele representa” (23 de setembro de 1944).

Durante os anos de McCarthy, os americanos que tinham participado na Guerra Civil Espanhola foram chamados “antifascistas prematuros” — significando com isto que combater Hitler nos anos quarenta era um dever moral de todo o bom americano, mas combater Franco demasiado cedo, nos anos trinta, era suspeito. Porque é que os ra-